

A energia criativa natural

*Anna Marie Holm**

Resumo: Este artigo é a respeito de uma oficina de artes visuais dinamarquesa para crianças. À frente da oficina está Anna Marie Holm, que é artista. A maneira como ela trabalha com as crianças diz respeito a essa energia artística. A Dinamarca é um país pequeno, que está sempre aberto àquilo que está se passando nos outros países. O trabalho artístico com crianças passou por várias teorias artísticas nos últimos 30 anos. Atualmente, Anna Marie diz: “Pare e tente ouvir as crianças e a você mesmo”. Aqui ela descreve seu trabalho com crianças e arte na sala de aula “mais feia” da Dinamarca. Algumas pessoas denominaram a sala: o lugar do futuro.

Palavras-chave: Caos criativo, oficina de arte, experimentação, construção/instalação.

Abstract: This article is about a danish picture-workshop for children. The leader, Anna Marie Holm is an artist. So the way she works with the children is about this artistic energy. Denmark is a small country and always open for what is going on in other countries. The art-work with children has the last 30 years been through many art-theories. Anna Marie now says stop and try to listen to the children and herself. Here she write about her work in Denmarks ugliest room for children and art. Some people call it a future-place.

Key-words: Creative caos, art workshop, experiment, construction/instalation art.

Eu afirmo: se dermos às crianças a mesma liberdade para o processo artístico que lhes damos para suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo.

O artista dinamarquês/islandês Olafur Eliasson diz: “Eu encaro o meu processo artístico como um projeto de pesquisa. Atualmente, os artistas têm liberdade para pesquisar coisas das quais não têm nenhum conhecimento. É isso o que estou fazendo. E percebo que essa forma de trabalhar – testando coisas, fazendo experiências – está aperfeiçoando meu trabalho, quer eu faça exposições ou não.”

Transferindo isso para meu trabalho com as crianças:... é exatamente assim que elas trabalham. As crianças são curiosas, são pesquisadoras, mergulham nos projetos – o campo aberto.

* Artista plástica e escritora. Viborg, Dinamarca. holm@newmail.dk

Tradução: Olivia Mendonça da Motta Vieira. Revisão Técnica: Ana Angélica Albano.

Na oficina com as crianças, eu trabalho acreditando no pessoal, no sentimento de liberdade, no irracional, no natural orgânico. Sinto alegria em tudo o que as crianças fazem e naquilo que simplesmente trazem consigo – e sou muito privilegiada por ter essas experiências criativas junto a elas.

As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. As crianças não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam, sim, receber ilimitadas oportunidades de crescimento. Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte. Eu lhes apresento um desafio, que nunca tem uma resposta definida.

Meus desafios não têm uma resposta única, podem ser resolvidos de várias maneiras. À medida que o trabalho se desenvolve, tornam-se cada vez mais abertos, incomuns e irracionais. Uma tarefa artística realmente boa é fazer com que os seus alunos pensem o oposto, pensem de maneiras totalmente diferentes...!

ESPAÇO, CORPO, MATERIAL, TEMPO, O ADULTO – cinco fatores centrais que não devem limitar:

- ... o estar num espaço desafiador;
- a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente;
- a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala;
- a escolha de materiais pela criança;
- a oportunidade de experimentar;
- o controle de tempo;
- a conversa, o bate-papo;
- a liberdade da criança para ser ela mesma.

Espaço livre e a ausência de limitações são as minhas palavras-chave para a oficina experimental de arte. Na verdade, quero apenas uma oficina aberta a todas as possibilidades. Evidentemente, as crianças são loucas para ouvir minhas histórias estranhas. Elas vêm pelas histórias e sabem que podem adotar meus estímulos livremente. Querem também aprender técnicas.

O processo de trabalhar com imagens promove uma auto-realização que, nem sempre, pode ser detectada no produto final. A execução em si é a parte mais forte do trabalho. A avaliação final dos trabalhos produzidos por crianças é uma invenção dos adultos. O que ocorre durante a experiência estética é mais amplo. A compreensão se dá por meio dos sentidos, ampliando a consciência. O interessante é que não temos que chegar a nada específico. Eu descubro as histórias, o que exige muito esforço. Mas as encontro porque gosto de fazê-lo. Eu mesma me conecto com as histórias. Sou uma entusiasta. Gosto de estar nesses processos de investigação.

É importante que nós próprios sejamos bons em tomar a iniciativa, inventar, ter coragem, energia, ter a mente aberta para experimentar, para investigar, para estar no desconhecido. Fazemos tudo isso na Oficina de Arte. Desenvolvemos o senso artístico, a compreensão da arte, penetrando nela, deixando que nos modele. As crianças tornam-se, assim, cada vez mais confiantes no que diz respeito a valores intrínsecos.



Graciela Sacco conta: “Quando eu estudei na Academia de Belas-Artes, na Argentina, aprendi a desenhar e a pintar. Desde então essas atividades deixaram de ser uma escolha natural para mim. Não se adequam às coisas que eu quero expressar. Buscamos materiais que se adequem à nossa história”.

Eu acredito que as crianças se sintam exatamente assim. Muito freqüentemente, escolhemos técnicas de desenho/pintura/modelagem para elas. Mas, pela minha vivência, quando as crianças têm a oportunidade de escolher materiais diferentes, elas o fazem. Elas encontram o que é mais adequado para elas. Fazem, produzem imagens, pintando e montando instalações a partir de materiais que os adultos nem sonhariam em juntar. De repente, fantásticos espaços e trabalhos vão surgindo. As crianças têm um gosto abrangente e magnífico.

Eu acredito na energia e no prazer. Não tenho nenhuma ambição de mudar as crianças. Sou movida pelo desejo de estar com as crianças. Tenho a mente de um saltimbanco e o desejo de liberdade. Sei que é preciso haver a sensação de liberdade para criar.

Quando nos expressamos, temos que aprender sobre todos os tipos de materiais. Atualmente, a arte pode ser interpretada de inúmeras formas, logo a compreensão artística tem que ser aberta, não fechada.

No meu tempo de escola, os materiais disponíveis se resumiam a um pequeno estojo com lápis e um pequeno estojo de giz colorido duro. O giz ia gradualmente se reduzindo a um monte de tocos, que eram colocados numa caixa de sapato. Vou contar uma coisa: uma vez, durante uma dessas aulas de desenho, no final da quarta aula, eu me sentei com a caixa de sapato e peguei alguns daqueles tocos de giz que eram um pouco mais grossos que os outros. Eram encantadores, e acho que foi naquele momento que descobri que eu podia fazer algo com formas e cores. Foi como se todas as paredes se abrissem. Os tocos de giz eram macios; nenhuma resistência no papel que tinha ficado amarelo, as cores eram intensas, fortes e podiam colorir em camadas, em formas orgânicas. Lembro-me que fiquei completamente absorta. Então, apareceu a professora de desenho e viu o que eu estava fazendo. Os grossos tocos de giz colorido foram arrancados de mim. “Deve ser um engano”, disse a professora, “como é que vieram parar aqui?”. Fim da aventura.

Hoje em dia, as crianças têm acesso a todo tipo de cor, mas, geralmente, sob supervisão. Eu acredito que muitas das experiências das crianças seriam muito melhores se os professores, ao invés de gastarem tanta energia vigiando-as, procurassem, eles mesmos, testar as cores e usufruir o prazer advindo da experiência.

Arte da construção / instalação

Trecho do diário:

Quinta-feira, 18 de abril.

Última tarde desta temporada. A Oficina de Arte está num momento muito intenso e sensual. Visitantes oficiais sem muita tolerância aparecem; logo agora que as crianças chegaram ao mais maravilhoso. Tanta coisa aconteceu durante o outono e

a primavera, que há muitos cantos e possibilidades para montar instalações misteriosas, incomuns, sem serem diretamente observados por outros na sala.

As crianças já nascem criando instalações. Elas têm um talento natural para construir – juntar - dar substância e inventar histórias. Observar – equilíbrio e desequilíbrio – experimentar as possibilidades dos materiais. Criar ambientes – ambientes próprios – jamais vistos anteriormente. Descobrir. O processo de construção é o mais comum para elas, isto é, se elas tiverem a oportunidade. Eu conversei com Jesper Rasmussen, um artista que trabalha com instalações, sobre essa “habilidade de construção de ambientes” inata. Ele me contou que seu pai era padeiro e que tinha rolos de uma fita especial na qual o nome dele estava gravado. Um dia de manhã, quando criança, Jesper conseguiu pegar um rolo dessa fita e, na cozinha, começou a unir vários elementos com ela. No final, estava tudo embrulhado com aquela fita personalizada, de alta classe e cara – um ambiente artístico havia sido criado. Ele ainda lembra o quanto foi repreendido por aquilo.

Sou profundamente fascinada por essa habilidade natural.

A idéia de as crianças terem um talento natural para criar instalações surgiu na Oficina de Arte quando algumas delas, ao encontrarem coisas diversas e arrastá-las para seu lugar, começaram a construir, instalar, criar ambientes e aconchego. A idéia delas era que, após a construção, brincariam dentro da “instalação”. Muito freqüentemente, acabam não o fazendo, porque é o processo em si, de criar o “lugar”, que mais importa para elas. Esse prazer sensual em construir ambientes é uma necessidade humana primitiva e cada vez mais, no futuro, devemos dar às crianças essa oportunidade.

Lembro-me que, na minha infância, estávamos sempre construindo alguma coisa: a cabana de junco no riacho; num canto do grande quintal de areia, criamos um mundo com estradas, alojamentos, plantações, tudo em miniatura. Éramos arquitetos e artistas de arterural incipientes. Hoje, estruturamos a energia criativa das crianças e a transformamos em algo cultural. Quando ela se transforma num produto, nós lhe damos um nome artístico. Mas A ENERGIA CRIATIVA SENSUAL É NATURAL:

- meu quarto era uma instalação permanente que variava;
- minha estante Amager, repleta de badulaques;
- meu armazém;
- o sótão com o manequim em tamanho natural “abandonado”.

... enquanto você cria, você está conectado, não no produto final, mas no processo criativo...

- os misteriosos quartos no quintal com tábuas, pregos e cheiro de oficina;
- os carros abandonados do posto de gasolina;
- o celeiro de feno do fazendeiro;

- a cozinha de Frida, em constante uso e com seus sabores.

Minha necessidade foi suprida. Hoje, há lugares enormes em regiões industriais, mas neles as crianças não são admitidas. Não há mais espaços que ofereçam às crianças oportunidades de explorar seus sentidos. Há algum aroma? Uma oficina de arte não é apenas um lugar para desenhar e pintar. Arte é muito, muito mais. Esboços, técnicas combinadas, *performances*, instalações, *ready-mades*, cenários, arte-objeto – o que implica todos aqueles materiais estranhos na oficina.

Minha Sala Russa

“Eu não estou buscando, eu estou descobrindo”, disse Picasso. As crianças, na oficina de arte, se sentem exatamente assim. Isso ocorre porque estamos trabalhando em um ambiente com forte apelo aos sentidos. Mas, agora, vocês vão ouvir uma história verdadeira: MINHA SALA RUSSA!

Eu me hospedei na casa de um amigo artista em Moscou. Por muitos anos, a família havia morado com o pai. Ele tinha morrido três anos antes e, daquela vez, eu ia dormir num colchão naquela sala – e que sala! Cheia de histórias. Não importava para onde meus olhos se voltassem, podiam parar e lá havia uma história. Livros velhos, fios, estojos, caixas que davam vontade de abrir. Conchas, *souvenirs*, fotografias com vários tipos de moldura, papel de parede com figuras, estuque velho, sensual, intenso. Uma sala cheia de surpresas: dicas, maravilhas, curiosidade. Lá na minha sala russa, pude, mais uma vez, perceber que os ambientes que oferecemos às nossas crianças não têm história. Ambientes nus, bonitinhos, em ordem – sem sensualidade. Hoje, os professores fornecem aos alunos todo o material de que vão precisar para suas tarefas! Como pode um grupo grande de crianças precisar do mesmo material para uma tarefa artística? As crianças não têm nenhuma oportunidade de experimentar...

Mas eu estou muito satisfeita com toda a experimentação que minhas crianças estão fazendo, exatamente por estarem trabalhando nesta sala repleta de possibilidades. Importantes pesquisas independentes estão sendo realizadas aqui. Como pode o adulto saber onde termina o processo artístico? Ou conhecer o caminho de antemão e ter a situação sob controle? Se não entendermos que o processo artístico é aberto, então aquilo com o qual estamos trabalhando não é arte!

Eu acho que todo mundo precisa experimentar uma oficina de arte: – experimentar materiais; descobrir possibilidades inusitadas; ter idéias novas; criar novas histórias. Martelar, colar, lidar com as coisas. Como é possível trabalhar com todo o mundo da arte em ambientes não sensuais? De onde se vão tirar idéias?

Todo dia encontro a alegria, a maravilha, a surpresa, o novo pensar, o entusiasmo. Criar é investigar o desconhecido. A curiosidade está sempre presente. Hoje



em dia, as crianças se interessam muito pela arte contemporânea, que é muito mais do que apenas desenho e pintura. A arte contemporânea é também a possibilidade de diversos tipos de materiais. Dizem que as pessoas que são boas para contar histórias, cooperar e motivar os outros é que vão ser bem sucedidas no futuro. Estamos rumando para uma sociedade na qual os fatos serão substituídos por sentimentos e isso influenciará as nossas vidas. As histórias não vêm do nada. A habilidade e o prazer de contar histórias não desapareceu. Dizem respeito também ao ouvir. Se o professor de arte está todo o tempo ocupado em controlar o processo e os materiais, não tem condição de ouvir. Se os ambientes estiverem repletos de estímulos visuais e os adultos forem abertos, as aulas de arte serão geniais para estimular histórias.

Muitas pessoas falam da necessidade de as crianças terem a coragem de se concentrar no desconhecido. Para quem nunca experimentou, o desconhecido parece perigoso. De minha parte, é onde me sinto melhor. Já era assim desde criança, mesmo sem o saber. Na escola, nos momentos em que nos davam liberdade para inventar, era quando me saía melhor. Aí me sentia como um peixe dentro d'água.

Você pode, às vezes, pensar que as pinturas não têm substância. Crianças e jovens são fascinados por, simplesmente, pintar. Talvez as histórias estejam lá enquanto as crianças estão trabalhando, no diálogo entre eles, que não anotamos, mas que está naturalmente presente. Eu sempre retorno à palavra natural: é como se tornássemos as habilidades criativas das crianças artificiais, sistematizando-as e documentando-as. Tudo sobre o que estamos escrevendo hoje é simplesmente o que fazíamos quando crianças. ramos artistas de instalações.

Trabalhamos na Oficina de Arte buscando descobrir o problema e as soluções por nós mesmos. Passamos constantemente de um campo imprevisível para outro. Ter coragem para enfrentar a incerteza é parte do artístico. Constatamos isso todos os dias. Se, como adultos, formos capazes de guardar nossas limitações para nós mesmos, com certeza teremos muitas experiências maravilhosas junto com as crianças. A segurança, eu lhes dou na Oficina de Arte. Eu estou presente, mas não fico fazendo sermões. As crianças não têm dúvida de quem eu sou.

É preciso segurança para poder criar. É importante que os adultos ousem mostrar quem são. Não ter a resposta para tudo, mas, como adultos, estar prontos a encontrar a resposta juntamente com as crianças. “O professor deve entrar no personagem” diz Erik Sigsgaard.

Arrumação demais estraga

A vida diária das crianças, os lugares que frequentam e onde permanecem são limpos e arrumados demais. As crianças precisam de oficinas de verdade. Minha tarefa é afrouxar as rédeas nas quais as crianças vivem seu dia-a-dia. No início, quando as crianças chegam na oficina, elas se sentam comportada e cuidadosamente nas cadeiras. Depois de algum tempo, elas começam a se espalhar como querem. Muitas vezes trabalham no chão – “Anna Marie, a gente não pode transformar a Oficina de Arte num enorme banheiro de pintura, com aquecimento no chão?”

As crianças muitas vezes são obrigadas a criar em salas arrumadas demais. A arrumação estraga a curiosidade, a espontaneidade e o desejo de experimentar – habilidades que as crianças trazem do berço. Falar de arte às crianças está na moda e a idéia de oferecer oficinas de arte para crianças é muito boa. Mas o problema é que não se pode criar em salas muito padronizadas. Você nunca chega ao artístico, porque isso só acontece quando se está num terreno deliciosamente instável. Mesmo assim, temos que sair em busca. Muitos adultos não têm certeza disso e, por isso, impõem limites rígidos às crianças. Afinal, o que não diriam as outras pessoas se você afrouxasse? Quando eu dou liberdade, chegamos ao ápice daquilo com que temos condições de lidar, até onde é estimulante para nós, que estamos presentes.

As crianças, hoje, são fantásticas; elas são curiosas, investigativas, livres dos pensamentos convencionais, imaginativas, cheias de energia, coragem, encanto e autenticidade.

A capacidade natural que a criança tem de parar frente a qualquer coisa e maravilhar-se é poderosa. Perceber o imprevisível, mesmo enquanto se trabalha com o digital. Quando se trabalha totalmente absorto com um objetivo definido, não se descobre ou vê nada. Ter a habilidade de buscar o acidental e não-estruturado no computador é, hoje em dia, considerado uma qualidade. Na realidade, são os valores artísticos – a curiosidade natural – que as crianças, na minha oficina, possuem.

Um livro de histórias ambulante

Eu sou um livro de histórias ambulante. Eu já experimentei diferentes possibilidades de desenhar / pintar com as crianças. Cheguei à escola na época em que era chamada escola de desenho. Ensinavam-nos a desenhar em folhas de papel quadriculado. Nos meados da década de sessenta, sentimos que algo diferente estava a caminho. Uma certa liberdade instalou-se e o trabalho tornou-se mais criação. Eu achei maravilhoso e realmente passei a criar muito junto com as crianças. Mas outras correntes estavam a caminho. A crença do período pós-guerra, segundo a qual a criança trazia uma energia criativa inata foi substituída pelo entendimento de que a criança deveria aprender sobre as injustiças sociais e políticas através do figurativo. As tendências vinham não mais do ocidente, mas do oriente. O trabalho tornou-se exclusivamente temático. Fui levada pela corrente, mas, na minha mente de saltimbanco, percebia que as crianças nem sempre entendiam. Elas desenhavam e pintavam aquilo que os professores lhes pediam. Mas, e seus próprios sentimentos, pensamentos e necessidades? Passei, então, a buscar o que denominei de desenhos de resistência. Eram os desenhos feitos logo após os desenhos temáticos terem sido entregues ao professor. Os desenhos de resistência eram interessantes, porque contavam uma história da vida da criança. Acho que sempre fui sensível a esse tipo de coisa, porque sempre reajo se alguém controla o que estou produzindo. Para se criar, é indispensável ter liberdade. Comecei, assim, a experimentar desenhar e pintar junto com as crianças. Nós desenhávamos no mesmo desenho. O desenho desenvolvia a linguagem; a linguagem desenvolvia o desenho. Criaram-se algumas situações fantásticas, intensas e equitativas, embora as imagens não fossem particularmente bonitas. Era a história, a imaginação, o que mais importava, enquanto desenhávamos e pintávamos juntas. Aí algo aconteceu novamente. Agora a tendência vinha do sul. Alguém havia descoberto Reggio Emilia, no Norte da Itália. Lá haviam construído creches diurnas em torno de um estúdio de pintura. Ali, a criança criativa era o centro. A estética tinha um papel central. Encontrar aquele lugar tinha a ver com os anos oitenta, quando o interesse pelas habilidades criativas da criança tinha gradualmente ressurgido. Passou, então, a ser considerado moderno contratar artistas para realizar projetos artísticos e de decoração em conjunto com crianças. E ainda é assim. A arte é "in". Mas eu acho muito perigoso o fato de ser a expectativa sempre no sentido de que o resultado será positivo e de que se pode aplaudir, porque as crianças são muito boas e coisas maravilhosas serão criadas. Eu mesma penso assim, mas gostaria de dar um passo adiante, porque, agora, a estruturação de todo o maravilhoso potencial artístico que as crianças possuem já caminha bem. Mas por onde anda toda aquela estranha, misteriosa, feia, desajeitada e incompreensível energia para experimentação, tão natural nas crianças? A verdadeira energia criativa. Mais uma vez,

meu progresso histórico se faz junto às crianças e às imagens. Eu tenho que lutar para que elas possam se libertar no artístico. Minha mente de saltimbanco me ajuda mais uma vez. Recentemente encontrei algo maravilhoso. Quanto mais a oficina mergulha no caos, cheia de coisas diferentes e incomuns, tanto mais intensa e orgânica se torna a dinâmica criativa. As crianças estão criando instalações à sua própria maneira. É selvagem, é louco, é maravilhoso. Evidentemente, elas mesmas não chamam de “instalações”. Sou eu quem faz isso. Naturalmente, tudo acontece numa oficina de arte. As crianças são artistas de instalações natas. Têm a habilidade de colocar todo tipo de coisa diferente junto, em novas constelações, e construir. Elas constroem em todas as direções. Sensuais. Parece-me que, agora, chegamos ao topo do que deve ser. Deixemos às crianças a chance de ir mais longe. Agora está muito bom. Agora é verdadeiro. Mas, juntos, atingimos um nível intolerável em relação ao que vários administradores seriam capazes de suportar. Agora, na hora de mostrar a oficina de arte, está tudo muito feio, quer dizer, incompreensível. Enquanto a arrumação estiver controlando a criatividade das crianças, não conseguiremos entrar, totalmente, em contato com a mais bela das energias artísticas. Estamos, contudo, trabalhando em direção a isso.

O Entusiasmo – A Alegria

Se tudo o que eu faço, na oficina, com as crianças, pode ser, em parte, encontrado nas brincadeiras – “O brincar se torna uma importante parte do futuro”, escreve Jørn Martin Steenhold – então minhas receitas para uma oficina de arte devem ser muito importantes, porque uma das ferramentas pode ser um ambiente cheio de possibilidades. As brincadeiras das crianças oferecem o suficiente com que se trabalhar. O comércio está controlando as crianças rápido demais.

Na oficina de arte, eu ainda vejo brincadeiras: o descobrir, o exceder, a dinâmica, o encanto, as histórias, a experiência com os sentidos, o emocional. As crianças trazem as brincadeiras dentro de si.

Solte as rédeas das crianças – conheça essa energia maravilhosa

Durante todos esses anos em que trabalhei com crianças e arte, minha pergunta tem sido: como é que conseguimos destruir a criatividade e essa capacidade natural para a pesquisa que as crianças possuem?

Dou pouquíssimas dicas, uma versão pouco comum a respeito de um artista ou de uma obra de arte e como usá-la. As crianças não conseguem mais ficar sentadas quietas – então, tem-se que partir para a experiência. As oficinas de arte podem ensinar TUDO. A partir daí, criam-se idéias próprias. O artístico é aquilo que você mesmo descobre a partir de um impulso.

“Esse é o melhor lugar do mundo” – diz Camilla, 14 anos. É um lugar no qual se pode descobrir algo dentro de nós mesmos. Algo que não se sabia possuir. É o espaço “mais feio” da Dinamarca e as crianças o adoram. Permite associações: o encontro com o caos, abertura, o pensar poético.

A oficina de arte do futuro deverá ser um lugar por onde se possa caminhar, estar no espaço da provocação, do encanto, da diversão, das cores, da luz. Foi um espaço assim que as crianças e eu criamos juntas. Crianças pequenas não dizem “aqui eu me sinto bem”, mas eu simplesmente observo. Como eu mesma trabalho com arte, sei que não é bom que alguém decida – que direção eu devo tomar – os materiais que devo escolher –; que me corrija. É com esse entendimento que eu trabalho com as crianças. Eu lhes permito fazer por elas mesmas.

Fala-se que as crianças se movimentam pouco. O que eu observo na oficina de arte é o oposto, porque eu não fico decidindo por elas como cada uma vai sentar – de cócoras ou em outra posição de trabalho dinâmica. Frequentemente fico maravilhada com a quantidade de posições criativas –deitadas, em pé, em movimento – que ficam enquanto trabalham. Durante o processo, frequentemente, sinto que não sei nada, mas que estou estimulada pela abertura, pelo desconhecido, assim como as crianças. Durante todo o tempo, estímulo o trabalho conjunto caracterizado pela equidade. “Tão logo você deixe de ser autoritário, você será capaz de ouvir” (Erik Sigsgaard).

A brincadeira é livre na sua essência – o processo de criação artística é livre em sua essência. Se um processo artístico é controlado, já não é mais um processo artístico, correto?

Os adultos devem ser co-criativos, não controladores.

As crianças são cheias de entusiasmo e energia, elementos importantes do processo criativo, que não devem ser destruídos.

Robert Jacobsen: “Todos os experimentos parecem ilógicos; caso contrário, não seriam experimentos”. Aqui está uma história sobre aprendizagem durante um experimento, que se passou na oficina de arte.

Segunda-feira, 4 de novembro

Nós tínhamos várias mesas, que poderiam ser trabalhadas, tornando-se uma nova expressão. A mesinha de centro de mosaico atraiu dois dos meninos. Eles começaram imediatamente a martelar os mosaicos, não de forma destrutiva, mas, martelando para retirar os mosaicos, o que fez com que caminhos surgissem na mesa, tal como um labirinto. Então, puseram cola, tinta em pó e água dentro dos caminhos do labirinto. Começou a transbordar; eles, então, correram para pegar alguns pregos e os pregaram nos caminhos do labirinto para direcionar o fluido, que escorreu para o chão. Eles, então, correram para pegar várias folhas de papel, as seguraram debaixo da mesa, movimentaram-nas para cima e para baixo, deixando que a cola, a água e o fluido colorido desenhassem por sobre o papel. Continuaram, pelo resto da tarde, pintando a mesa e as folhas de papel. Um experimento artístico?

De minha parte, sim, a alegria de estar juntos, eles sabem que eu gosto disso.

Na realidade, o que mais me interessa é o instinto maravilhoso das crianças. Eu realmente não estou muito interessada em arte para crianças controlada por adultos. Ouvindo as crianças, eu descobri muitas coisas excitantes.

Elas trabalham naturalmente experimentando nesse grande laboratório de arte. Um lugar de metamorfoses, um lugar encantador. Experiências novas o tempo todo. As crianças trabalham; assim funciona o processo artístico. Trabalhando com coisas, de repente, algo passará a existir. Há tanta iniciativa e alegria. Eu tenho que criar o maior nível de liberdade possível, mesmo que a incerteza faça parte dos termos da liberdade.

“A realidade com a qual nos confrontaremos no futuro será muito mais multifacetada do que nós poderíamos imaginar em nossos sonhos mais loucos” diz Uffe Elbæk.

A nossa oficina é um espaço de multiplicidade. Não há condição de se lidar com tudo ao mesmo tempo; simplesmente, não se sabe o que virá logo em seguida – a surpresa, estar pronto para experimentar algo novo. A oficina de arte é uma representação do futuro. As crianças são a prioridade. Algumas crianças adoram deitar no sofá e se desligar. Meu problema são os pais que esperam algum produto final. A oficina de arte deveria ser tanto uma oficina quanto um oásis. O que, na realidade, se espera que as crianças obtenham? Talvez sejam elas que mais sabem a respeito da vida.

Quando se é criativo, não importa por onde se começa. Não se pode pré-descrever um processo criativo.

Para mim, diz respeito a usufruir o prazer de deixar as crianças criarem. Manter-me afastada do sistema. Uma vez que você se institucionaliza, você acaba. Criar espaço para o criativo significa permitir que as crianças possam optar por ter contato comigo ou não. Mas eu estou presente. Como seres humanos, somos capazes de perceber pelos sentidos, brincar, pular e dançar, nos expressar, usar todos os sentimentos. Ninguém pode tirar isso de nós. Assim, essa habilidade de experienciar é unicamente do ser humano e terá cada vez mais espaço no futuro. Eu acredito muito na expressão artística própria da criança.

Eu gosto de simplesmente estar com as crianças quando criamos e conversamos. Eu fico sem fôlego só de pensar que o nosso fazer artístico terá um grande e importante significado. Eu acredito em “*vida numa oficina de arte*”. Tem a ver com alguns valores éticos: aprender, de uma maneira harmoniosa, a estar junto num mesmo ambiente, cada um com sua necessidade pessoal; abrir espaço para o outro, sentir respeito pelo trabalho de cada um; respeitar as diferentes formas de expressão. Durante todos esses anos em que tenho estado na oficina de arte, nunca vi uma criança respingar tinta ou fazer qualquer coisa para estragar o trabalho

de outra criança. O fato é que as crianças sentem que aquela oficina é delas e que o criar nasce, é movido, pela motivação e prazer próprios.

Nós temos que estar à frente: fazer tudo – acreditar em nossa própria força, preparar o solo e pintar. Abrir espaço para algo natural. As crianças são saudáveis. Mas temos que aprender a ouvi-las um pouco mais. Eu acredito que as crianças intuitivamente percebem a grande vantagem de trabalhar com arte, isto é: que aqui se está num campo onde se decide pessoalmente qual será o próximo passo.

Porque elas acham que temos o melhor espaço possível?

Porque elas podem ser elas mesmas. Eu não as restrinjo – há imensas possibilidades.

Um conhecido me disse: “É uma coisa boa existirem ervas daninhas como você, Anna Marie”.

